

# Barbarização da Vida Pública

Raul Pilla

O ASSASSÍNIO político tem ocorrido sempre neste país, sob certos aspectos ainda semi-bárbaros. Mas são fatos ocasionais, verificados sob a influência da paixão desencadeada pelas campanhas políticas. Não se justificam, mas explicam-se facilmente.

Fato, porém, muitíssimo mais grave está ocorrendo em certas regiões do país: o assassinio como instrumento político. Um adversário é incômodo por seu prestígio e combatividade e ameaça conquistar as posições? É muito simples: elimina-se, evitando trabalhos, canseiras e perigos.

Para isto, dizem haver até organizações de assassinos profissionais, que se encarregam de fazer o «serviço», seja de ordem pública ou privada o móvel do crime.

Necessário não é acentuar a gravidade do fenômeno. Seria simplismo filiá-lo a causas exclusivamente políticas; intervêm nele, evidentemente, fatores de ordem social, tomada a palavra em sua acepção habitual: educação, condições econômicas, etc. Mas erro grave seria excluir a intervenção de causas propriamente políticas. É questão de ambiente social, dir-se-á. Exato. Mas importante parte deste ambiente social é o ambiente político. Por exemplo: o facciosismo da polícia, a ineficiência ou a imparcialidade da justiça; e, sobre tudo isto, o caráter que à luta política imprime, no interior ou nas capitais, este desastroso sistema presidencial. Trata-se simplesmente, qualquer que seja o âmbito da campanha política, da conquista do poder. Não do poder considerado como instituição posta a serviço da coletividade, mas do poder pessoal, do embriagador domínio exercido sobre os semelhantes pelo governante.

Colocada a questão em tal terreno, e o presidencialismo nele inevitavelmente a coloca, colocada a questão em tal terreno, compreende-se que, pela gradual degeneração dos costumes políticos, se chegue a elevar o assassinio à categoria de instrumento político.

Alagoas dá a mais eloquente demonstração desta barbarização da nossa vida pública.